



“MODERNIZAR O PASSADO É UMA EVOLUÇÃO MUSICAL”: CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI NA CENA RECIFENSE

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3722

Rubens de Brito Ferreira Teixeira, UNIMONTES

Palavras Chave:

Interdisciplinaridade;
Hibridação; *Manguebeat*;
Mídia; Recife.

Resumo

Por suas características, Recife é conhecida como a “Veneza Brasileira”, todavia, o mangue também se destaca como um de seus atributos e uma antítese. Apegando-se à antítese, no início de 1990 surge ali um movimento cultural denominado *Manguebeat*, onde o grupo musical Chico Science e Nação Zumbi torna-se seu maior expoente. Este grupo propõe-se a denunciar a miséria, a violência, a desigualdade social e a valorizar a modernização de Recife enquanto a melhor maneira de combater tais injustiças sociais, o que ficou mais evidente graças a um estudo internacional comprovando que a cidade estava entre as piores do mundo. Não sem embargo, este texto busca compreender a relação que a música faz com Recife ao divulgar parte de sua cultura bem como seus problemas, logo, entendida como uma cultura popular de bases híbrida, é preciso analisar a articulação tradição-modernização presente na obra; em questão de composições, é necessário averiguar se há a presença de um pensamento socialista. Assim sendo, uma pesquisa histórica interdisciplinar é vista como a melhor maneira de estudo, para tanto, busca-se em Michel de Certeau, Roger Chartier, Néstor García Canclini e Pierre Bourdieu o embasamento para este empreendimento. Verificou-se que a ligação com Recife foi além do cultural, penetrou no campo do poder, mostrando que as relações tradição e modernização são ambíguas, mas pelo estudo não se pode afirmar que a banda é socialista devido às contradições. Portanto, esta pesquisa quer aprofundar-se na discussão de um objeto rico e ainda pouco explorado pela historiografia.

¹ Trecho inicial da música “Monólogo ao pé do ouvido” que faz a abertura do disco *Da Lama ao Caos* (1994).

Introdução

Recife é uma das cidades mais antigas do país, por ser dotada de uma rede de rios e pontes recebe a alcunha de “Veneza Brasileira”. Contudo, um estudo publicado em 1990 pelo *Population Crisis Committee* colocou-a entre as cinco piores cidades do mundo naquela época². Concomitante à publicação, emerge das ruas o *Manguebeat*, um movimento cultural local, encabeçado por Fred Zero Quatro, Chico Science e Renato Lins, que queria não só combater o mal-estar provocado pelos problemas sociais como aqueles advindos da própria cultura recifense. Assim, este movimento, que além da música se fez notar na moda, no cinema, tem na globalização uma das fontes de sua constituição, uma vez que se utiliza do *hip-hop*, do *rock*, do *punk* e outras ideias estrangeiras junto à cultura local como o maracatu, a embolada, o coco, a ciranda e a literatura do escritor Josué de Castro para criar uma arte singular. Depois de regenerar a cultura local o objetivo era espalhá-la pelo mundo (NETO, 2003, pp.13-65).

Outra base é o manifesto *Caranguejos com Cérebro* (1992) escrito por Fred Zero Quatro, que foi distribuído pela cidade, no qual explica a cena cultural e ambiental local, os neologismos e os objetivos, constatando que “Os integrantes do Movimento Mangue não eram despolitizados; faziam constante alusão ao controle econômico e sociocultural exercido sobre Recife” (NETO, 2003, p.34). Dado sua importância, faz-se imperioso destacar um trecho do documento:

Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência

do mito da *metrópole* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano. (...) Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! (...) Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama (QUATRO, 1992).

Para Idelber Avelar, esta foi a única grande inovação artística brasileira desde a Tropicália, muitas eram as mídias internacionais que a acompanhavam a banda. A partir da crise da Música Popular Brasileira (MPB) cria-se um fosso entre a música nacional e a música jovem que só veio a ser suprida com o *Manguebeat* (AVELAR, 2011, pp.28-34). Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ) foi a banda deste cenário que conseguiu o maior destaque, mas devido a um acidente de carro, em 1997, perde seu vocalista e maior representante do movimento mangue, Chico Science³. Este estudo procura apenas analisar as músicas contidas nos dois primeiros discos da banda, *Da lama ao caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996), pois correspondem ao início e auge da banda.

A cena de Recife: um campo cultural

Na semana em que houve uma briga entre torcedores no último dia 18 de junho deste ano em Curitiba-PR, um jornalista de uma emissora de esportes

² Ver a matéria *The Washington Post*, de 20/11/1990, intitulada *The world's best and worst cities*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/wellness/1990/11/20/the-worlds-best-and-worst-cities/b5305fd4-98e6-4eb1-9073-648f7f5e29d6/>. Acesso: 04/07/2017.

³ Para a revista *Rolling Stone*, Chico Science é tido como um dos maiores cantores da música brasileira, ficando em 16ª posição. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/listas/os-100-maiores-artistas-da-musica-brasileira/chico-science/>. Acesso em: 05/07/2017.

comentou o assunto e a violência no Brasil, em uma parte de sua fala ele afirma que devido aos problemas nacionais o brasileiro estava precisando ouvir mais um certo cantor da MPB. Concordar com esta ideia seria erroneamente atribuir à música um encargo social teleológico, ou mesmo ontológico, como fizera Walter Benjamin em seu renomado estudo sobre a reprodutividade da arte, no caso a arte poderia ter uma atribuição que leva à revolução política ou à alienação (BENJAMIN, 1983). Neste sentido, essa abordagem mais complexa faz contraste à adorniana, cujo pensamento pessimista concebe a cultura como uma mercadoria que é explorada pela indústria cultural fascista objetivando lucro e poder, onde a ação mercadológica gera dominação, alienação e estandardização da sociedade (ADORNO, 2002).

Contudo, os meios da indústria cultural “não substituem as tradições nem massificam homogeneamente, mas transformam as condições de obtenção e renovação do saber e da sensibilidade. Propõem outro tipo de vínculo da cultura com o território” (CANCLINI, 2015, p.262-263), logo, “A mídia moderna não impõe (...) um condicionamento homogeneizante, destruidor de uma identidade popular. (...) A vontade de inculcação de modelos culturais nunca anula o espaço próprio da sua recepção, do uso e da sua interpretação” (CHARTIER, 1995, p.186).

Não obstante, “A redistribuição maciça dos bens simbólicos tradicionais pelos canais eletrônicos de comunicação gera interações mais fluidas entre o culto e o popular, o tradicional e o moderno” (CANCLINI, 2015, p.196-197). Neste sentido, concorda-se com John B. Thompson ao afirmar que tradição e modernização se autoinfluenciam, e não são autoexcludentes, constantemente se renovam; certo é que a compreensão do impacto de uma sobre a outra é difícil, muitas vezes tradições, por exemplo, dado seu caráter de mobilidade, são construídas

em um período recente só que acabam passando a impressão de serem antigas, já que a mídia teria a ação de remodelagem no tempo-espaço (THOMPSON, 1998, p.160-178). Aqui se tornam impreteríveis as palavras do historiador Roger Chartier, não só por admitir que “A cultura popular é uma categoria erudita”, mas também por alegar que “As formas populares das práticas nunca se desenvolverem num universo simbólico separado e específico; sua diferença é sempre construída através das mediações e das dependências que os unem aos modelos e às normas dominantes” (CHARTIER, 1995, p.186; 189).

No Brasil, a relação tradição e modernização resultaram em práticas culturais singulares, como o movimento recifense *Manguebeat*. Segundo Renato Ortiz, os estudos da cultura e da cultura popular é algo recente, mas há certo silêncio quanto à ‘cultura de massa’, muito em função da Ditadura Militar, e pensar tais questões é apreender sobre os destinos políticos do país. A industrialização no Brasil era fraca na primeira metade do século XX e se consolida na segunda metade, os ideais modernistas chegou aqui antes mesmo da modernização, trazidos pelas elites liberais e legitimada pelo Estado durante a Ditadura. Tal descompasso era notório, havia críticas da camada oligárquica à modernização, mas também apelos por ela a fim de superar o tradicionalismo arcaico, no entanto isso fez com que houvesse perda da crítica ao moderno. Não há razão estrutural para afirmar a existência de uma indústria cultural forte neste período, nem mesmo que sofria muito com os modelos estrangeiros impostos (ORTIZ, 1989, pp.13-137).

O convite à modernização e à modernidade como oposições ao tradicional é visto também nas músicas do grupo Chico Science e Nação Zumbi não só nas letras como também na estética visual, na musicalidade e na questão cultural em Recife. Nessa acepção, pode-

se dizer que a banda faz uma música que acompanha a hibridação, que conforme Néstor G. Canclini, são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2015, p.XIX).

A banda vale-se da globalização em suas composições para tentar reavivar a cultura recifense bem como lutar contra as convicções oligárquicas, a miséria e a desigualdade social, muitas vezes fazendo uso de termos e expressões recorrentes no léxico socialista como revolução, luta de classe e classe. Por exemplo, a música “A cidade” traz noções da luta de classe, a assimetria econômica a partir do humor:

E a cidade se apresenta/ Centro das ambições/ Para mendigos ou ricos/ (...) A cidade não para/ A cidade só cresce/ O de cima sobe/ E o de baixo desce/ (...) E no meio da esperteza/ Internacional/ A cidade até que não está tão mal/ E a situação sempre mais ou menos/ Sempre uns com mais e outros com menos/ (...) Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu/ Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu/ Pra a gente sair da lama e enfrentar os urubu/ (...).

Em “A Etnia”, o grupo traz o assunto da miscigenação numa relação próxima à correspondência modernidade e tradição com uma crítica a esta, sobretudo em vista da tradição local recifense, uma vez que a banda articula manifestações culturais locais, sobretudo as cantadas, com uma linguagem coloquial que tem como fonte as gírias usadas pelos camelôs e pobres (NETO, 2003, pp.27-29). Na música, cantada por Chico

Science,

Somos todos juntos uma miscigenação/ E não podemos fugir da nossa etnia/ (...) Costumes, é folclore é tradição/ Capoeira que rasga o chão/ Samba que sai da favela acabada/ É hip hop na minha embolada/ É o povo na arte/ É arte no povo/ E não o povo na arte/ De quem faz arte com o povo/ Por de trás de algo que se esconde/ Há sempre uma grande mina de conhecimentos e sentimentos (...).

O atrito do Chico Science e Nação Zumbi com a cultura oligárquica de Recife, assim como outros membros do Movimento Mangue, tem seu contorno mais claro nos seus embates com o Movimento Armonial de Ariano Suassuna. Segundo Renan Ramalho, Suassuna,

(...) autorizado pelo poder da tradição, criticava abertamente os mangueboys⁴ apontando o descaso deles com o que entendia apontando o descaso deles com o que entendia ser a “pureza da cultura nordestina” que, segundo seu entendimento, havia permanecido incólume aos ventos do tempo e da história, sobretudo na parte interiorana, no período de sua maior ameaça – as décadas iniciais do século XX (RAMALHO, 2015, p.11).

Em sua pesquisa, Renan Ramalho evidencia o embate, não algo maniqueísta, entre Suassuna representando a tradição, o sertão e o centro de poder recifense e Chico Science e Nação Zumbi em oposição como a modernização, a lama⁵ e a periferia que em muito se apega a paisagem da cidade como algo que reflete as relações de poder de modo simbólico e às vezes ligados à

⁴ Mangueboys e manguegirls eram assim conhecidos os homens e as mulheres que apoiavam o *Mangnebeat*.

⁵ A lama, o mangue e o caranguejo foram assumidos pelo movimento Mangue. A lama na

obra da banda possui uma ambiguidade, se por um lado ela significa a miséria e as condições de vida dos pobres na cidade do Recife, por outro, ela simboliza um elemento rico do próprio bioma local de onde pode-se sair melhorias.

situação política (RAMALHO, 2015, pp.11-47). Ainda conforme Ramalho, concordando com Vargas, diz que

(...) Suassuna teria sido, em 1964, um dos fundadores do Conselho Federal de Cultura do Regime Militar. Em outro momento Vargas ainda destaca o conhecido fato de que na inauguração oficial do movimento Armonial, em 18 de outubro de 1970 (...), Ariano Suassuna era diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e tal órgão teria, inclusive, patrocinado o evento (RAMALHO, 2015, p.47).

No entanto, a tradição efetua-se também a partir dos patrimônios, e Recife ao longo do século XX viu serem reformados vários de seus patrimônios tanto pelo objetivo turístico, como preservação da identidade e política oficial, tanto pelas mãos do poder público como pelo capital privado (RAMALHO, 2015, pp.64-73). O mais comum recentemente é que o Estado atue na preservação patrimonial em parceria, ou não, de empresas que promove sua modernização, como ações “despolitizadas”, no entanto não o são, primeiro porque a modernização cultural pode tomar rumos não planejados e, por outro lado, o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive a ideologia dos setores oligárquicos, tradicionalismo substancialista, pois a tradição, neste caso, é um poder hereditário que quando lembrado busca manter a ordem de modo doxó, inclusive naturalizando as inclusões e exclusões sociais e as distribuições de poder vistas no espaço urbano, também pode ser usada para enfrentar às contradições da contemporaneidade (CANCLINI, 2015, pp.89-97; 160-196).

Por conseguinte, é possível observar relações de poder e lutas simbólicas, desse modo, “o poder é um fenômeno social penetrante, característico de diferentes tipos de ação e de encontro,

desde ações reconhecidamente políticas dos funcionários públicos até encontros mais prosaicos entre indivíduos na rua” (THOMPSON, 2015, p.21). John B. Thompson compreende que “As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descreer, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva” (THOMPSON, 2015, p.24).

Recife foi palco de uma luta simbólica dentro de um campo cultural, neste sentido, Pierre Bourdieu presume que o campo é um microcosmo relativamente autônomo, um espaço social como qualquer outro, com suas leis, e como tal não é independente do macrocosmo, pois obedecem outras regras, isso por conta de seu poder de refração proporcional ao seu nível de autonomia. Em seu interior há lutas e relações de força à conservação ou modificação deste campo de força e que representam a validação de uma realidade. Nele existe a criação, distribuição e aquisição assimétricas de capitais de várias naturezas conforme sua posição no campo, a luta pelos capitais depende de um capital previamente acumulado (BOURDIEU, 2004, p.18-33).

As relações vão depender de suas posições, também do volume de capitais, sobretudo econômico e cultural, ocorre sempre uma relação dialética e plural entre as interações e com o espaço social, até porque há a necessidade de reconhecimento, ou seja, apesar do capital ter um caráter qualificador ele só tem valor quando é reconhecido por seus pares-concorrentes. Logo, “O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida”, o modo como se vê o mundo e a possibilidade de mudá-lo perpassa pelo poder e capital simbólicos (BOURDIEU, 2004, p. 154-167; 160).

De modo que fiquem mais claras as lutas, tomadas de posições e as relações

de poder no que tange o movimento Armonial e o Chico Science e Nação Zumbi em Recife, dois conceitos do historiador Michel de Certeau podem ser de grande ajuda: estratégias e táticas. Em um grande estudo sobre a cultura popular no cotidiano, incluindo a de ‘massa’, Certeau afirma que a cultura popular é uma arte de fazer, que compreende usos e práticas, pois a cultura se desenvolve em meio às tensões, violências simbólicas, logo as estratégias são o pode-saber dos dominantes, já as táticas são a engenhosidade dos fracos que usam os recursos disponíveis para sobreviver, usando até certos aspectos da estratégia, fazendo uma politização das práticas cotidianas (CERTEAU, 2005, p.42-45).

Chico Science e Nação Zumbi usam dessas táticas na música para lançar-se no confronto junto a outros do *Manguebeat*, o uso de uma posição desprivilegiada e com poucos capitais culturais e econômicos os levam a recorrer à modernidade e hibridação como recursos práticos, no outro lado, percebe-se a assimetria de poder quando o tradicional, no caso o movimento Armonial, liga-se a setores privados e à legitimação social e estatal para consolidar suas estratégias de concepção da cultura recifense oficial. Cada um está depositado em uma dada posição, uma independente e a outra dependente, e onde seus respectivos poderes atuam; as estratégias articulam o lugar físico, o lugar do poder e o lugar teórico, isto é, preocupa com as relações espaciais, já as táticas aproveitam o tempo pela falta de poder. “As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos procedimentos. São esquemas de operações e manipulações técnicas” (CERTEAU, 2005, pp.97-102; 107).

Portanto, para captar a cultura popular deve-se antes situar-se neste campo de relações que unem dois grupos de dispositivo: a) os mecanismos de dominação simbólica que tem por

objetivo a acessibilidade ao dominar as representações e modos de consumo que qualificam uma cultura como inferior; b) as lógicas em funcionamento nos usos e modos de apropriação daquilo que é imposto. As estratégias e táticas estabelecidas por Certeau servem para pensar essa tensão: estratégias dando a entender a existência de lugares e instituições; já as táticas pressupõem os modos de fazer e com (CHARTIER, 1995, pp.184-185).

O objeto fundamental da pesquisa cultural enquanto história da construção da significação está na tensão que nutre as capacidades inventivas com seus limites e regras. Ela vale para a história das práticas, pois elas também são invenções de sentidos limitados por variantes que os comportamentos e normas por elas são definidos (CHARTIER, 1995, pp.189-190). Neste viés, concorda-se com Chartier ao afirmar que:

Toda análise cultural deve levar em conta esta irredutibilidade da experiência do discurso, resguardando-se de um uso incontrolado da categoria de texto, indevidamente aplicado a práticas (ordinárias ou rituais) cujas táticas e procedimentos não são, em nada, semelhante às estratégias produtoras do discurso (CHARTIER, 1995, p.190).

Voltando à questão da modernização e tradição, suas relações no Brasil ocupam-se de muitas contradições, como pode ser visto em Renato Ortiz (1989), mas também contradições são reveladas por Néstor García Canclini (2015) na América Latina, não obstante, contradições desta propriedade são vistas nas composições de Chico Science e Nação Zumbi e no movimento Mangue: 1) a crença de que a modernidade por si só poderia reavivar a cultura de Recife, porém ao mesmo tempo em que seleciona certas tradições recifenses há o empenho de misturá-las com propostas culturais de outros países que tendem a descaracterizá-

las; 2) a crença de que a globalização pode solucionar a miséria, a desigualdade social, mas é a própria globalização que promove os incontáveis desequilíbrios.

Enfim, a música “Antene-se” certifica o que foi dito assim, uma vez que o sujeito já é o *mangueboy* que abraça as mudanças do tempo, mas preso as articulações tradição-modernidade, ora recorrendo a uma e a outra dando sobrevida ao movimento Manguê. Na música observa-se:

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo/ Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos/ Entulhados a beira do Capibaribe/ Na quarta pior cidade do mundo/ Recife, cidade do mangue/ Incrustada na lama dos manguezais/ Onde estão os homens carangueijos/ (...) Sou, sou, sou, sou, sou Mangueboy !!!/ Recife, cidade do mangue/ Onde a lama é a irresureição/ Onde estão os homens carangueijos/ Minha corda costuma sair de andada/ No meio da rua em cima das pontes/ É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo/ Procure antenar boas vibrações/ Procure antenar boa diversão (...)

Segundo Moisés Monteiro de Melo Neto, a linguagem da banda foi criada para revolucionar, foi tão adaptada por Chico Science que se tornou parte dele, o Recife e a visão são trabalhados de incontáveis formas, o “real” e o “referencial” tornam-se parte da elaboração. A expressão do povo de Recife foi musicalizada e comercializada, posteriormente, o envolvimento de Chico com a cidade é paradoxal. “Com o Manguêbeat e seu aparato tecnológico, a cibernética se instala na cultura recifense definitivamente: Recife caiu na rede, comunhão entre homem e máquina. A transmissão de um indivíduo de um lugar para o outro deixa de ser hipótese (NETO, 2003, 67-69)”.

Considerações Finais

Através destas páginas procurou-se dar uma contribuição aos estudos da música no Brasil, recorreu-se ao aspecto de um grupo musical com o seu lugar de fala tanto em termos espaciais quanto em termos simbólicos.

Em primeiro lugar, este breve estudo quis compreender a relação que o grupo musical Chico Science e Nação Zumbi faz com Recife ao trabalhar sua cultura e seus problemas sociais a partir do momento em que são temas de suas composições musicais. Evidenciou-se que a banda realiza uma grande interação com a cultura local (maracatu, coco, embolada, ciranda, gírias, ambientes), e quando assumem o posto de agentes em prol do socorro da cidade voltam-se à modernização como solução, e expõem ao misturar ritmos urbanos como o *hip hop*, o *punk*, o *rock*, logo, torna-se uma cultura híbrida.

Por outro lado, o trabalho que a música da banda faz com a tradição e a modernidade extrapola o âmbito musical e passa ao social, às relações de poder, sobretudo com outro movimento cultural local, o Armonial de Ariano Suassuna. Aqui se pretendeu analisar a articulação tradição-modernização na música dos *mangueboys*, ficando claro que as contradições que existem na banda Chico Science e Nação Zumbi também são verificadas em outras artes e nas disposições paisagísticas de uma cidade na preservação e revitalização do patrimônio como o poder público e o capital privado fez em Recife ao longo do século passado. Nisso, tais inter-relações acabou por revelar um conjunto de tensões e, conseqüentemente, lutas simbólicas que transformaram por certo tempo a cidade num campo cultural em que duas correntes entraram em conflito, cada qual dotada de suas particularidades e anseios.

Também objetivou averiguar um pensamento socialista nas composições da banda, contudo, no desenrolar da pesquisa

o objetivo se mostrou demasiadamente complexo e amplo para ser solucionado em poucas páginas, necessitando, ainda, de um maior referencial teórico-metodológico. Talvez, um estudo que se proponha a analisar tomando a filosofia política ou mesmo a cultura política, de caráter empírico, como bases tenha mais sucesso.

Por fim, tamanha riqueza deste objeto fez com que este trabalho fosse proposto como uma contribuição à historiografia da música, de modo algum quis lançar verdades ou esgotar o assunto por aqui mesmo. Acabou-se, ao longo deste estudo, justificando mais este texto a grande problemática que é pensar a articulação tradição-modernidade, música, cultura popular e ‘massiva’ em suas contradições, formas e fusões. Entende-se que a riqueza deste objeto é tão grande que pode ser ainda fonte de estudos para muitas pesquisas no campo da História sob as mais diversas perspectivas.

Referências

- ADORNO, Theodor. **A indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AVELAR, Idelber. O mangubeat e a superação do fosso entre o nacional e o jovem na música popular. doi:10.5007/2176-8552.2011n11p25. Santa Catarina, p.25-37, 2011.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutividade. In: Textos escolhidos. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, p.10-34, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.149-168.
- BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. In: BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p.7-48.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. I artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisando um conceito histórico. **Revista Estudos Históricos**. v.8, n.16, 1995, pp.179-192.
- CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Caos/Sony, 1994 [mídia digital].
- CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. **Afrociberdelia**. Rio de Janeiro: Caos/Sony, 1996 [mídia digital].
- NETO, Moisés Monteiro de. **Manguetown: A Representação do Recife (PE) na Obra de Chico Science e Outros Poetas do Movimento Manguê (“A Cena Recifense dos Anos 90”)**. Recife, 2003. 135 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- QUATRO, Fred Zero. Caranguejos com cérebro. Disponível em: <http://projetoautonomiaemcepag.xpg.uol.com.br/Caranguejos%20Com%20C%C3%A9rebro.pdf>. Acesso em: 01/06/2017.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e Indústria Cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- RAMALHO, Renan Vinícius Alves. **As fronteiras dos jardins da razão: o mangubeat e o espaço da regionalidade no Recife da década de 1990**. Natal, 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.